

1

O SER HUMANO NA PERSPECTIVA DE ADOLPHE GESCHÉ

1.1

Introdução

Iniciamos este trabalho buscando compreender o ser humano nas suas condições de existência. O desenvolvimento do tema tem como centro a concepção cristã e antropológica presentes na teologia. O objetivo é defender a teologia como um lugar legítimo no debate entre as diferentes ciências que transitam no mundo atual. Para isso, a antropologia tem destaque privilegiado na estrutura do tema, pois a teologia, para se expressar, necessita das condições do ser humano que é capaz de verbalizar aquilo que lhe é revelado. O que o autor propõe é conhecer Deus através da expressão de fé do ser humano, mas principalmente conhecer quem é esse ser humano para quem Deus se dirige.

Nessa perspectiva, Gesché nos apresenta a dinâmica da revelação de Deus, referendada na Sagrada Escritura como fonte da tradição judaico-cristã, e desenvolve os subsídios necessários à compreensão da construção da identidade cristã. A partir da criação, desenvolve os fundamentos da estrutura do ser humano, que pressupõe a realidade da revelação de Deus e da relação estabelecida com o ser humano. A liberdade, a alteridade e a destinação são elementos que o autor destaca como constitutivos da condição humana, que ganham, no ato da criação, as condições do ser humano se reconhecer capaz de criar, de se relacionar, de amar e de desejar Deus. O diálogo estabelecido entre Deus e o ser humano encontra-se desenvolvido na temática da fé, realidade dada como resultado da resposta do homem à revelação de Deus na história. Uma realidade fundamental, pois é a partir dela que todo o trabalho se estrutura, entendendo como realidade de expressão do crente que, diante do não crente precisa defender e legitimar essa realidade que se diferencia diante do mundo não sagrado.

Damos, então, início a essa trajetória, de desvelamento do ser humano diante de si e de Deus, assim como de Deus na vida. Apresentamos a nossa peregrinação.

1.2

O ser humano: aspectos antropológicos e teológicos

“A riqueza do ser humano é infinitamente superior ao que ele supõe. É uma riqueza que nada pode tirar dele, e cuja onda ressurge sem cessar, a cada século. É isso que o ser humano quer saber. Esse é o centro de sua inquietação temporal. Essa é a causa da sua sede. Quanto mais ele ganha terreno, mais se torna consciente, todo poderoso, e mais ele espera com razão do teólogo que (este) tire a água da rocha.”¹

A citação acima, trazida pelo autor na sua abordagem sobre o ser humano, é uma tentativa de ilustrar a proposta de falar sobre alguns elementos que estruturam o ser humano na perspectiva da teologia antropológica. O autor, ao falar do ser humano, intrinsecamente, nos coloca em contato com a teologia, pois tem como afirmação básica à compreensão dinamizada e dialética de como concebe a expressão que vai acompanhar o desenvolvimento do seu pensamento: o “ser criado criador”. Mais à frente o termo será melhor discutido, pois teremos já exposto o tema de forma mais completa. Porém, antecipamos que o autor traz no seu pensamento o fundamento de uma lógica interna à própria criação.

O ser humano é apresentado, pelo autor, como um enigma diante de si e no confronto com a realidade, que permite seu desenvolvimento e crescimento. Um enigma dinamizador, impulsionador, compreendendo o ser humano como um ser capaz de sair em direção ao outro, que, consciente ou não, faz dele um sobrevivente, cultural e socialmente. Um ser de alteridade.

A citação impõe uma reflexão na qual Gesché se apóia: a centralidade das inquietações do ser humano, que caracteriza a presença do in-finito na sua finitude, as inquietudes das indagações sobre o universo em que se reconhece como Homem, sujeito ativo, carente de respostas. O autor utiliza o termo construção para falar do processo que não cessa de se perguntar sobre ele, o mundo, os outros e, por fim, Deus. O “enigma constrói”, possibilita transformar, portanto, criar e descobrir. E Deus pode ser colocado nesse sentido humano, criador e de descoberta. Como nos diz o autor:

“A parte da incerteza que habita entre nós não é um desastre. Essa zona ‘indiscernível’ no âmago de nós mesmos constitui nosso ser da mesma forma que a busca da racionalidade. Aquele que crê, porque pronuncia a palavra Deus, não escapa disso mais do que os outros.”²

¹ JÜNGER, E., *Traité du Rebelle ou les Recours aux Forêts*. Paris, 1986, pp. 141-142. Apud GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, p. 27.

² GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, p. 9.

E é essa condição de inquietude que faz do ser humano um ser de existência, um ser de sentidos, de buscas e anseios por seu reconhecimento humano, que o diferencia dos outros seres vivos. É nessa perspectiva que o autor fala da identidade humana, aquela que envolve todas as dimensões do nosso ser, na relação com as circunstâncias dadas como mediadoras: o conhecimento, a afetividade, o artístico, as instituições (família, religião), a sociedade, tudo que envolve a individualidade de cada um. No entendimento do autor, existe o risco de uma armadilha, a de ancorar-se com excesso na racionalidade e na ação, pois o que vivemos na relação com o meio que nos forma nos garante o reconhecimento como pessoa humana. Essa confiança, se exagerada, limita a construção de nossa identidade humana, “*pode nos deter de forma restrita a nós mesmos.*”³ Toda a possibilidade de iniciar o processo de construção de nossa identidade acontece numa rede de significados, de sinais, que o ser humano recebe no mais íntimo de seu ser, que o possibilita conhecer-se na sua identidade. O autor se remete à Tradição como uma herança recebida, que nos conduz e nos coloca em direção à construção dessa identidade. A Tradição, também, nos dá condição de aceitação, re-criação e invenção de novos projetos que serão herdados e guardados na memória da humanidade.

O ser humano é colocado na direção da aprendizagem, ele é conduzido, educado, iniciado na sua história. É nessa iniciação que o Homem é capaz de recriar, pois está sendo capaz de receber o futuro, a partir do passado presente na sua herança. Isso significa que somos porque aprendemos, porque somos seres de cultura. Fazemos história. “*Ensinar é iniciar; e iniciar é recorrer aos sinais e aos símbolos.*”⁴ Somos nós, homens e mulheres, que portamos sinais e símbolos. Somos, como diz Gesché, “*seres ensinados e ensinantes.*”⁵, portadores de sentidos. É nesta perspectiva que compreendemos o sentido que a fé pode emitir. Deus, finalidade de um sentido de vida, necessita de sinais, mediadores, para introduzir o elemento da fé de forma a ser compreendida pela razão humana. O autor traz o dado da revelação como elemento construtor de uma identidade: a identidade cristã. O autor propõe pensar Deus dentro dessa investigação identitária.⁶

³ GESCHÉ, A., O Ser Humano, p. 13.

⁴ Ibid., p. 26.

⁵ Ibid., p. 26.

⁶ Ibid, pp. 15-24.

Esse enigma constitutivo do ser humano, que permite construir sua identidade, traz, então, a possibilidade de pensar Deus como existente na realidade da trama de significados herdados pelo próprio Homem durante a evolução da humanidade. Para tal fato é necessário que a racionalidade e a ação não ocupem o lugar absoluto no processo de construção da identidade do ser humano. As dimensões essenciais do ser humano que se relacionam com as mediações não devem reduzir ou ignorar a existência do enigma, que é parte constitutiva do ser humano. A própria possibilidade de se fazer ser é pelo constante vir-a-ser que o ser humano tem na dinâmica de sua existência. Esse mistério é um dado da sua realidade existencial. As dimensões fundamentais, como a razão, a afetividade, a espiritualidade (fé), a técnica e a ação, devem convergir na contribuição desse processo do vir-a-ser, que possibilita o crescimento do Homem, oferecendo-lhe uma maior realização. Na relação com ele mesmo, com o mundo, com o outro e com Deus, o Homem deve reconhecer o enigma como uma realidade própria à sua existência. Nenhuma realidade é totalizadora dela mesma. Portanto, é na aceitação de nossas sombras que temos a oportunidade de construir nossa identidade mais segura e transparente.

A modernidade tentou absolutizar a dimensão da racionalidade, afirmando a ciência como salvadora do Homem, o século das luzes como a completa capacidade de tudo ser iluminado. Não foi o que aconteceu. Hoje já reconhecemos a difícil tarefa de responder por situações não superadas pela técnica dos homens, como miséria, violência, sofrimento. A diversidade cultural e religiosa também sugere questões não tão simples de serem resolvidas. Assim também, o ser humano não encontra a totalidade de seu conhecimento, nem no maior amor que possa sentir pelo outro e por ele mesmo. E em Deus? O autor alerta para certo cuidado em nossa resposta, pois, como diz, “*Deus não deve servir para resolver nossos enigmas*”⁷. Muito interessante recorrer, como fez Gesché, ao relato do Êxodo, que diz que “*Deus de dia habitava numa coluna de nuvens e de noite numa coluna de fogo para alumiar-los*” (Ex 13,21). É nosso próprio mistério, obscuro, também presente no mistério de Deus. Essa reflexão sobre o verdadeiro sentido de Deus e de Cristo será mais à frente desenvolvida, pois é o amor gratuito

⁷ GESCHÉ, A., O Ser Humano, p. 19.

de Deus que é a base do pensamento do autor para falar de sua compreensão humano-divina.

O Deus revelado não se submete ao Homem como algo para ser manipulado. Jesus Cristo mostrou a sua humanidade no enfrentamento de seus enigmas, como diz Gesché, “*Ele desceu a um inferno, ao seu inferno de morte, e é somente porque aí entrou, porque não recusou o enigma, que Ele ressuscitou e recebeu resposta.*”⁹. Podemos, então, falar desse sentido que o ser humano dá à sua vida quando reconhece nos enigmas a potencialidade de seu crescimento humano. O ser humano, na sua relação com o outro e na descoberta de sua responsabilidade é capaz de descobrir Deus. E, se fazendo um homem de fé, descobrirá em Deus a luz que ilumina sua obscuridade. Ou seja, ao se deparar com as grandes questões humanas, sentirá a constante necessidade de alargar seus horizontes na busca de respostas, não definitivas, mas seguras de sentidos.

Adolphe Gesché falará de destinação e de finalidade, que é o que fundamenta a estrutura existencial do ser humano, para onde a sua realização encontrará resposta. Também é um tema que terá seu lugar no transcorrer desse trabalho. A busca por respostas não deve representar um incessante desejo de questionamentos. Isso acarretaria uma dificuldade para o ser humano, a de não se satisfazer com nenhuma resposta. Não é esse o caminho mais sadio. Respostas são encontradas e devem motivar outros questionamentos, lembrando que o ser humano traz no seu âmago a herança tecida na história da humanidade, por isso, sempre motivado por respostas. O ser humano, portanto, não é, uma *tabula rasa*, como antes do desenvolvimento das ciências humanas se achava. Nisso agradecemos a contribuição dada por toda ciência no conhecimento da estrutura do ser humano. É o uso da razão humana que nos leva, além do diálogo com as ciências, a poder nos expressar através de símbolos, palavras que ajudam a falar do ser humano como ser integrado em todas as suas dimensões. Gesché se utilizará dessa real oferta da racionalidade para falar da teologia como expressão da fé, da relação fecunda entre Deus e o ser humano.

A teologia tem como objetivo Deus, mas, também, necessariamente, o Homem, para o qual a palavra de Deus é dirigida. Nós podemos estudar a antropologia separada da teologia, mas se desejamos conhecer a revelação de

⁹ GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, p. 20.

Deus devemos assumir o estudo antropológico como fundamento de sua revelação. Mas, como diz o autor, “*a teologia não pode transformar-se em antropologia*”¹⁰, perderia o lugar que lhe é próprio, reconhecido, de onde só ela pode falar sobre Deus. Porém, a teologia necessita do lugar da antropologia.

Primeiro, porque Deus se revelou na história do Homem. É na dinâmica da história que o Homem encontra Deus para falar d’Ele. O cristianismo tem em Jesus Cristo a confirmação desse fato, no evento da Encarnação, em que o ser humano torna-se a mediação mais importante para conhecer a Deus. A teologia expressa esse “*discurso sobre Deus, no qual o ser humano é constitutivo e inseparavelmente compreendido numa relação*”¹¹. Na pessoa de Jesus, a relação entre Deus e o Homem tornou-se inseparável. Podemos nos referendar na própria fala de Jesus: “*quem me viu, viu o Pai*” (Jo 14,9). Relação confirmada e legitimada no mais íntimo do ser humano. Expressar o nome de Deus passou a ter um sentido, que é recolhido e oferecido pelo Homem. Para Gesché, conhecer quem fala, como fala e de onde fala tornou-se essencial para o discurso teológico. Por isso podemos compreender a necessidade da antropologia para o discurso da teologia.

O segundo fator é que a teologia, ao se expressar pela fé cristã, traz, no seu bojo, um discurso de que Deus pede algo ao ser humano. Esse é um dado da fé. Ou seja, esse Homem deve escutar a Deus e responder, na sua vida, o que lhe é solicitado em oração, por exemplo. Entendemos, então, que Deus, na verdade, ao falar ao ser humano, emite uma visão de sua parte, pois o Homem, para respondê-lo, buscará se definir, conformar-se à Imagem e Semelhança de Deus. É na relação dialogada entre o pedido de Deus e a resposta do Homem que se estabelece a legitimação da teologia antropológica.

A teologia vem requerer o seu lugar de poder falar do ser humano a partir de Deus, “*revelar o ser humano como Deus o concebe*”¹². Como nos diz o autor, a partir do olhar de Deus poderemos conhecer quem é o ser humano. A partir da fé falamos e definimos esse Homem que crê em Deus, disso sabemos. Mas o que se quer é poder falar do Homem a partir da concepção de Deus. Afinal, a fé cristã possibilita essa afirmação. Deus, ao criar, na liberdade, dá condições ao ser

¹⁰ GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, p. 29.

¹¹ Ibid., p. 31.

¹² Id., *O Cristo*, p. 35.

humano para acolher ao seu projeto, através da sua liberdade criada. Deus ao se revelar, estabelece um diálogo profundo e único com o ser humano. Revela-se um Deus humano, de relações, portanto, capaz de comunicar o que pensa do ser humano, numa absoluta condição de alteridade com esse Homem. Um elo de total relação a ponto de o Homem recorrer, apelando por sua presença, em todas as situações vividas. *“É como aquele tribunal de apelação, que todo ser humano – diante de qualquer um que o maltrate – pode invocar para reivindicar que é inviolável.”*¹³

Em Jesus Cristo esta relação se configura definitivamente, pois nos convida a reconhecê-Lo naquele com quem nos relacionamos. O autor nos lembra que no Evangelho de Mateus encontramos dito: *“todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes.”* (Mt 25,40). Dessa forma, temos a plena compreensão de que é no outro que reconheço Deus. Mais. Que eu sou o que sou a partir desse Deus que se revela. Que quando Deus fala ao ser humano já fala concebendo-o como ser, permitindo que o Homem se reconheça humanamente em Deus, mas separado de Deus. A partir de Deus me reconheço ser humano. A mesma relação acontece com o outro com o qual me relaciono. Reconheço minha identidade a partir do outro, pois sei que não sou o outro. E quando proclamamos, na fé cristã, Jesus Cristo como Filho de Deus afirmamos que todo ser humano também é filho de Deus. Ao afirmar, atesto a existência do outro e sou, pelo outro, atestado. Dessa forma, podemos compreender a afirmação do autor, quando expressa a sacralidade do Homem a partir do anúncio de Jesus Cristo: *“anunciar esse elo entre Deus e o ser humano é dar a este último o fundamento mais absoluto e mais derradeiro para respeitar e fazer respeitar sua dignidade absoluta”*¹⁴.

Recordamos, aqui, que é na pessoa do Filho que conhecemos o Pai. Portanto, na relação com Jesus, Deus concede ao ser humano se conhecer e conhecê-Lo. Na humanidade do Filho nos tornamos filhos de Deus e recebemos por uma concreta mediação a possibilidade de reconhecer em nossas relações uma dinâmica humano-divina. O cristianismo tem em seu fundamento essa existência concreta, a Encarnação do Filho de Deus. Gesché falará também de uma

¹³ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 35.

¹⁴ Ibid., p.36.

antropologia cristológica ao abordar em Cristo uma “profecia do ser humano”¹⁵. Deixaremos para o último capítulo essa abordagem.

Podemos, com legitimidade, a partir da Sagrada Escritura, que atesta a revelação de Deus na dinâmica da história do ser humano, conhecer quem é esse homem de fé. É aquele que se conforma à sua relação com Deus. O ser humano torna-se conhecido na sua relação com Deus. Essa visão relacional que permite conhecer o Homem a partir Deus traz uma grande exigência na concepção de ser humano. É na fecunda relação com Deus que a humanidade do ser humano se desenvolve. Isso significa afirmar que quanto mais perto de Deus o Homem se coloca, mais humano ele se torna. À medida que o trabalho avançar teremos mais clareza dessa afirmação, pois o desenvolvimento dos temas da alteridade e da liberdade permitirá a confirmação dessa relação humana entre Deus e o ser humano. E com menos possibilidade de manipulação, tanto do outro como do próprio Deus, que sempre se encontra disponível às necessidades do Homem. É uma relação de profunda dignidade humana, que se constrói através de relações, pois nenhum ser humano se desenvolve sozinho, fora de qualquer relação pessoal. Essa reflexão traz outra questão, a liberdade do ser humano, que deverá ser desenvolvida no capítulo seguinte. Na afirmação que Gesché faz sobre liberdade, *“liberdade pessoal e relação com outro, longe de fazer guerra entre si, caminham juntas.”*¹⁶, já sinaliza a existência da liberdade diante daquele que crê em mim. Ou seja, quanto mais acredito no outro e o outro em mim, mais vivo plenamente a minha liberdade, e isso vale em qualquer relação do Homem, inclusive na sua relação com Deus.

Perceber a concepção de ser humano em Gesché nos exige, ainda, abordar a Encarnação como paradigma de toda compreensão de Deus em relação ao ser humano. O autor fala da irracionalidade do amor, que foge ao entendimento da razão, para expressar que Deus assumiu para si a loucura desse amor. A Encarnação significa que Deus, pela sua absoluta fonte, que é o amor, nos revela quem é esse ser humano.

Está claro que a tentativa do autor em falar do ser humano concentra-se no Homem de fé. É a partir do crente que a teologia é convocada a se posicionar,

¹⁵ GESCHÉ, A., *O Cristo*, p. 35.

¹⁶ Ibid., p. 35.

necessitando esclarecer qual é a sua antropologia. Torna-se, assim, diferente das outras ciências antropológicas.

A teologia deve reconhecer nas ciências os discursos sobre o ser humano. Reconhecer e aceitá-los como colaboradores no processo de entendimento do ser humano crente, desde que nenhuma queira assumir para si um discurso único e absoluto. Podem contribuir para melhor compreensão da fé, pois identificam e revelam elementos que se articulam no contexto humano da fé, ajudando a perceber o que é próprio e o que pode mascarar uma autêntica vivência da fé cristã. Por outro lado, a teologia reconhece que nenhuma ciência “*esgota o fenômeno da fé*”¹⁷. A linguagem da fé, que envolve a do amor, abarca a racionalidade, mas não se reduz à lógica da razão de forma absoluta. O que é importante, na visão do autor, é perceber que o *logos* da ciência não esgota sua universalidade, ou seja, tem sua expressão em diferentes linguagens. Desse modo, afirma o autor, a fé tem sua própria linguagem. Nenhum discurso pode abrir mão do seu *logos* porque tem relação com um determinado tipo de racionalidade. Assim também com a fé, que precisa de um discurso próprio que expresse a mediação, numa relação com a lógica da racionalidade. Encontramos, então, na teologia a razão da antropologia. Caberá à teologia ocupar-se com o discurso do Homem de fé.

“Cabe à teologia resgatar esse discurso que as outras ciências do ser humano não tornam compreensível. É aqui, portanto, que se encontrará o lugar próprio da teologia como discurso sobre o ser humano e que será justificada a sua tarefa no concerto antropológico.”¹⁸

O que interessa diretamente ao autor é mostrar que a teologia pode fazer a mediação para falar do “Homem que fala de Deus”, e que, para isso, usa a ferramenta da antropologia, como apoio na racionalidade da expressão da fé, que emite uma mensagem antropológica dessa fé. Ela tem algo a contribuir como ciência e, como tal, quer ocupar o seu lugar nessa realidade atual. Há, portanto, uma necessidade urgente de expressão para que o Homem de fé possa ser ouvido e legitimado no diálogo com as outras ciências.

O autor aborda três importantes aspectos que configuram o que a fé tem a dizer e colaborar como discurso a ser legitimado no universo das ciências. Primeiro, a existência do sagrado, do intocável, porque Deus assim o tornou. O Homem de fé proclama e quer ser ouvido como um ser que é habitação de Deus, o

¹⁷ GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, p. 38.

¹⁸ Ibid., p. 40.

in-finito está contido no finito. Portanto, todo ser humano, em qualquer situação que se apresente, *“tem o direito imprescritível e inalienável de se fazer respeitar.”*¹⁹ O ser humano é sagrado diante de Deus porque recebeu, na sua realidade histórica, a manifestação do próprio Deus, na condição de Homem. Segundo, o fato de considerar que nada é irrevogável, fatal. A fé, ao tratar da salvação como idéia central de sua afirmação, traz, em si, a própria afirmação de que tudo tem salvação. Isso nos remete a um importante fato, a transgressão da possível fatalidade histórica. Falamos da esperança cristã, que tanto é proclamada pelo Homem de fé, mas muitas vezes pouco compreendida no seu sentido histórico e escatológico. Trata-se de reconhecer, pela fé, que somos mais do que imaginamos na nossa mediocridade. Como diz o Filho, na lembrança do autor, *“eu não vim julgar, mas salvar o mundo”* (Jo, 12, 47). E, por fim, o terceiro aspecto, a realidade, que dá sentido ao argumento anterior e que não se esgota nela mesma. Ou seja, se a fé proclama a salvação traz o projeto de uma nova realidade que vai além da história presente, sinalizando a possibilidade de um vir-a-ser. A realidade é chamada a se mostrar em outra dimensão. *“Aqui, é o horizonte escatológico da fé que garante essa libertação da realidade: esta não se limita ao que vemos e medimos, ela é chamada a algo mais, já misteriosamente presente.”*²⁰

Acreditamos que dentro dessa abordagem o autor sinalizou a teologia como fundamental mediação para expressão da fé, que sem essa sistematização correria o risco de alienações, ilusões, permanecendo vulnerável às acusações das outras mediações analíticas. Dessa forma, existe a real possibilidade do encontro com as outras ciências, assim como, de ocupar um lugar legítimo na construção da tradição dos conhecimentos herdados pela humanidade.

Buscando ser fiel à compreensão do autor, partiremos da abordagem teológica de alguns conceitos que sustentam as diferentes concepções, tanto do Homem comum, limitado à sua realidade histórica, como do Homem de fé, que vê sua história como sinal realizável da salvação de Deus.

No início desse trabalho entramos em contato com a teologia, que nos fala sobre uma nova lógica interna à criação, que Gesché expressa como “criado criador”. O homem é descrito por ele como um ser desejoso por conhecer, um ser

¹⁹ GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, p. 42.

²⁰ Ibid., p. 42.

nutrido pelo desconhecido e por fazê-lo conhecido. Um processo de descobertas que subsiste à condição da liberdade humana, do desejo, de uma ação realizada pelo Homem e, por isso, enredada por muitas circunstâncias de ordem pessoal, social e cultural. Ação que possibilita ao Homem a construção de sua identidade. Em especial, o ser cristão que, na busca de suas indagações, responde a Deus, concretizando uma identidade cristã, mas também ocupando um espaço no campo do fazer teológico. Num esforço de dar continuidade à temática anterior sobre a legitimação do antropológico como centralidade teológica, iniciaremos esse próximo trajeto expondo o fundamento da concepção de criação de Gesché.

1.3

Pressupostos fundamentais na concepção do Ser Humano

O maior desafio empreendido na compreensão humana do autor encontra-se na explicitação das representações dos termos que são próprios do campo teológico, sobre o qual todo o seu trabalho é desenvolvido. Um esforço que necessita de novos sentidos para sua compreensão. O empenho do autor é ocupar um lugar ao sol, onde as ciências, iluminadas pela razão, deverão incluir e reconhecer a teologia com seu *logos* mediador da expressão do Homem de fé. Mais, como possibilidade de pertença de um novo modo de viver em comunidade. Um novo sujeito de fé, construtor de uma nova subjetividade e de uma nova expressão eclesial da fé. Na verdade, uma nova época de relações sociais a ser enfrentada e conhecida.

O termo criação, trabalhado pelo autor, funda um sentido próprio de uma dada realidade que exige apresentação. Gesché vai tratá-la em comparação com uma concepção cosmológica, para que se compreenda um conceito que implica uma epistemologia própria para esta realidade trabalhada, o conceito da liberdade, que remete ao conceito da verdade. Assim como a liberdade e a verdade se apresentam a partir da criação, temos a presença de outras questões importantes na concepção do ser cristão que desejamos elucidar em Gesché, que serão mais tarde apresentadas, tais como: alteridade, subjetividade e destinação, entre outros. São

termos que surgem como desdobramentos do sentido originário da liberdade humana.

Para fazer compreender a dinâmica da “criação criativa”, Gesché vai utilizá-la em relação à tradição que trata da idéia primordial “do lugar, do espaço, do receptáculo”, de onde as coisas terão sua origem, encontrando-se à espera do que virá-a-ser.²¹ Portanto, dentro dessa concepção, a origem das coisas acontece a partir de três termos, que são essenciais para Gesché na formulação da sua abordagem antropológica da criação: a natureza, a arte e o acaso. A tradição privilegia a natureza e o acaso como produtoras das mais “belas realidades”, enquanto as produzidas pela arte são consideradas menores, sem grandeza na realidade das outras criadas. A natureza e o acaso “*arrancam da indiferença agitada do caos, segundo um processo de necessidade imanente.*”²² Ou seja, ambas saem a partir da mesma realidade, segundo as necessidades dadas por essa realidade ou fruto do acaso da própria realidade. O terceiro termo da razão do surgimento das coisas, vem pela arte, a *techne*. É a arte que, de forma secundária, é produzida posteriormente, pois nasce a partir dos outros dois termos já existentes. Isso significa que a arte produz algo que já se encontra dado na realidade, portanto, menos verdadeira, mais artificial. Gesché utiliza o termo de Aristóteles para expressar o sentido da arte, “imitação” da natureza, “artefato”.

Essa compreensão esquemática resulta, como diz Gesché, numa leitura “cosmo-lógica da criação”, onde é a natureza que produz a realidade. Portanto, uma realidade sem intervenção criativa. O autor quer, justamente, trazer à reflexão uma outra concepção sobre a criação, a da tradição judaico-cristã, uma perspectiva teológica da criação que se contrapõe à leitura a-histórica da criação grega. É a partir dessa abordagem teológica que Gesché nos oferece pressupostos para a compreensão do ser humano que nos confirmam a existência de Deus, ao afirmar sua fé diante de sua realidade histórica.

A tradição judaico-cristã afirma que no “*principio Deus criou o céu e a terra*” (Gn 1,1). O autor vai desdobrar o sentido teológico dessa afirmação para a história. Ao afirmar no princípio a nomeação de alguém que dá a existir, subjaz a idéia de uma liberdade. Se há liberdade, existe sujeito, portanto intenção. Eis o primeiro e fundamental pressuposto antropológico da fé. A existência de uma

²¹ GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, p. 54.

²² Ibid., p. 55.

ação que atua na realidade. Criando-a, se contrapõe à concepção anterior, de que a realidade nasce da necessidade e do acaso. Sendo algo que possa ser pensado como ação de uma pessoa, essa ação pode representar um plano. Podemos sinalizar uma articulação dessa reflexão do autor sobre Deus-sujeito com o ser humano que, na alteridade, é capaz de conhecer a si e ao outro, desencadeando um processo de crescimento e de identidade cristã. À medida que avançarmos, retornaremos a essa reflexão, por agora continuaremos na trilha da tradição judaico-cristã em que o autor caminha.²³

A realidade pode, então, ser afirmada como resultado de uma liberdade. Mais uma vez, nos remete à idéia de um movimento, ou seja, de uma ação provocativa, o que nos faz pensar numa realidade intrinsecamente dinâmica. E nessa realidade temos a presença centralizada da pessoa, do sujeito, que, por ser um ser inteligente, age fazendo, criando e re-criando. Um ser de cultura, inventor criativo. Dessa forma, então, a arte deve ser concebida como anterior à natureza, já que no esquema grego a natureza se colocava privilegiadamente anterior à arte, desprezando o brilho inventivo. Assim, “*a partir daí, é a techne (a criação) que define aquilo que será a natureza*”.²⁴ Gesché, ao destacar a liberdade como fundamento de uma nova lógica – a perspectiva teológica – destaca, também, a questão da verdade como pressuposto para pensar a temática do ser humano de fé. Uma contraposição à concepção grega, em que a arte era considerada como uma não verdade, pois era concebida como momento segundo, posterior à realidade dada. Mas, se é o ato pessoal da liberdade que cria, ou seja, é a arte que se encontra no princípio, a natureza terá o seu valor submetido ao ato criativo. Então, a verdade torna-se um outro pressuposto a ser trabalhado na perspectiva teológica da antropologia.²⁵

Assim, Gesché afirma algo que se torna a base do seu pensamento antropológico: “*a prioridade da criação anuncia a prioridade da liberdade sobre a natureza*.”²⁶ E também da verdade: dois conceitos recriados a partir da tradição judaico-cristã. Este ponto merece uma maior apreciação, pois se refere a um novo paradigma, onde a liberdade é o cerne da existência humana. Arriscamos afirmar, a partir do autor, que esse paradigma torna-se o paradigma que pleiteamos para

²³ GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, pp. 56-61.

²⁴ Ibid., p. 57.

²⁵ Ibid., pp. 58-70.

²⁶ Ibid., p. 59.

representar essa nova configuração do homem na sociedade pós-moderna. O ser humano, aqui, é convidado a se colocar por inteiro, a compreender a sua vida existencial como liberdade, ou seja, a liberdade sendo inerente ao existir. Encontra-se inscrita no próprio ser, fez-se no ato criativo, na arte da criação pessoal de Deus, portanto, intrínseca ao Homem. A concepção grega atribui uma liberdade extrínseca à condição humana, pois o “*ser humano não é estabelecido na liberdade*”²⁷. Como diz o autor, os gregos construíram uma liberdade social e política, mas não antropológica. A tradição judaico-cristã inaugurou na história do homem a intervenção de Deus, trouxe a possibilidade do homem “desfatalizar” a si próprio e a história. A compreensão de Deus, como princípio e criador do universo, permitiu a construção do novo paradigma a partir da concepção de uma intervenção e decisão como elementos essenciais na origem do processo da criação. O ato de intervir coloca a realidade no âmbito da liberdade, que exige a decisão do ato criativo. A intervenção comporta a idéia do fazer existir, da ação que permite a realização. É fantástica a lógica dialética interna à narrativa da tradição judaico-cristã. Outros elementos podem ser pensados, a partir dessa lógica, como a alteridade e a destinação, compreendendo que estão em relação direta com o uso da liberdade.

Ao abordar a alteridade como resultado da relação com Deus, Gesché amplia sua concepção de ser humano, pois evidencia a transcendência como algo que nos retira do reducionismo da imanência. Conceber a revelação de Deus como princípio de um ato criativo é reconhecer não só a liberdade como premissa desse ato, mas, inclusive, a alteridade como inerente ao próprio ato. Ou seja, a ação de Deus como sujeito do ato criativo traduz na realidade a presença do transcendente, pois o faz presente na relação com a criatura. Por isso, podemos falar que essa perspectiva cria um processo de abertura, de superação do círculo vicioso concebido na tautologia presente no pensamento grego. Essa possibilidade de falar do transcendente presente na imanência torna-se, para Gesché, uma referência para compreender a liberdade no âmago do ser humano, ou seja, uma liberdade que ultrapassa o simples ato de escolher. Torna-se, nas palavras do autor, um “*direito ontológico*.”²⁸ Representa para o ser humano a responsabilidade de assumir o seu destino, tomar para si a responsabilidade histórica de sua vida, de

²⁷ GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, p. 59.

²⁸ Ibid., p. 61.

suas opções fundamentais, que ultrapassam a própria história. Nessa perspectiva, a fé é colocada como resultado da resposta que o ser humano dá a Deus, tornando-a uma opção fundamental de vida, um ato de liberdade-responsabilidade. O próximo tema abordará a fé como resposta livre e de pertença a essa adesão do Homem à revelação de Deus. Portanto, teremos oportunidade de ampliar essa temática, tão importante como pressuposto na concepção de ser humano para Gesché.

O que nos interessa muito, nesse momento, é compreender a liberdade na essência ontológica, pois, assim, poderemos reconhecer na alteridade uma exigência que é própria da liberdade. Por isso, Gesché insiste na presença de um terceiro para a plena realização do uso da liberdade.

“A afirmação de um Terceiro, de uma Transcendência, de uma alteridade, longe de aviltar a liberdade, a anuncia significando que diante dela o ser humano tem direito e poder de decisão e de liberdade pelo fato de ser capaz de prestar conta, o que não se pode fazer no círculo fechado da imanência.”²⁹

É na relação com o outro, quando se vê diante do outro, que o ser humano é capaz de assumir seus atos, tornando-o responsável diante desse outro diferente que o interpela a sair de si e a superar o círculo da repetição presente na realidade não criativa. É dentro dessa dinâmica da liberdade que o ser humano é compreendido como um ser criativo, criado-criador, capaz de acolher a realidade, transformado-a criativamente. Somente na permissão dessa alteridade, no interior do processo criativo, é que a liberdade é construída. Poderíamos, então, afirmar, a partir do pensamento de Gesché, que o ser humano, quando reduzido a si mesmo, à sua imanência, está anulando sua condição de Homem livre. Parece paradoxal, diante de um mundo regido pela racionalidade científica. Porém, na perspectiva do autor, a liberdade não representa meramente atos de escolhas, mas uma autorização que se constrói diante de uma relação da alteridade de um terceiro, o Transcendente. Não seria, portanto, contraditório afirmar que a imanência sem a transcendência enfraquece e anula o ser humano na sua condição de criador. Pelo contrário, a transcendência fortalece e liberta o Homem de suas fraquezas e pecados. Gesché associa essa reflexão à narrativa bíblica sobre a criação: “*não é bom que o homem esteja só*” (Gn 2, 18). Desta forma, defere toda sua reflexão antropológica à criação de Deus, consolidando sua proposta de compreender o ser

²⁹ GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, p. 61.

humano a partir da concepção de Deus. O Homem, na vertente judaico-cristã, é um Homem criado para a liberdade, uma liberdade recebida como dom, não podendo ser abordada como usurpação ou alienação.³⁰ Para Gesché, a liberdade pertence à natureza do ser humano, entendendo que se encontra inscrita desde sua iniciação, ou seja, de sua criação. Por isso, podemos compreendê-la como dom, chamado a desenvolver como continuidade de sua existência criativa.

Gesché inclui na representação do paradigma judaico-cristão a dimensão da lógica da criação, que vai nos oferecer uma melhor compreensão da liberdade como algo inerente à condição humana. É intenção do autor revelar, de forma mais completa, a antropologia que está inserida na leitura judaico-cristão da narrativa bíblica. A lógica da criação pertence à lógica da ação de Deus, portanto, à teo-lógica, já apresentada como teo-lógica da criação, em contraposição à lógica grega. Gesché, para consolidar sua representação da criação, estruturada no paradigma judaico-cristão, apresentará, também, depois dessa lógica, a da antro-po-lógica. Dessa forma, configura sua visão de ser humano, que procura demonstrar como um ser que, em constante dinâmica criativa, gera possibilidades de defender a causa de Deus na luta pela sua própria causa. Ou seja, o direito à sua liberdade inclui o direito à liberdade de Deus, pois não há distinção entre elas na realidade existencial do ser humano.

Merece, ainda, uma reflexão mais profunda sobre a articulação que o autor faz da lógica da criação, utilizando a ação de Deus, a teologia, a criação em si, e a consequência, na antropologia, dessa perspectiva da criação judaico-cristã. Pois é dessa articulação que sai o que Gesché diz ser preciso “*insistir nesse enraizamento da liberdade no alicerce da criação desde antes da emergência do ser humano.*”³¹. Retomando o que já foi dito, o processo da criação fez da realidade uma existência criativa, que traz no seu bojo a alteridade como condição do ato criativo. Foi na relação estabelecida por Deus na criação que o ser humano pôde reconhecer seu estatuto de Homem livre diante da sua realidade existencial. O verbo *bará*, que significa criar, presente na narrativa bíblica da criação, é trabalhado por Gesché com duas noções muito interessantes, pois complementam a visão antropológica da revelação de Deus ao Homem: as noções de fazer e separar. São articuladas pelo autor de forma dinâmica, não podendo ser

³⁰ GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, p. 63.

³¹ Ibid., p. 69.

dissociadas uma da outra. O autor vai especular sobre essa articulação provocando uma releitura antropológica sobre a liberdade, a alteridade, a verdade, enfim aqueles pressupostos possíveis de fundamentar sua compreensão do ser humano. A primeira, concebendo a idéia de que Deus, ao criar, fez, ou seja, separou de sua própria realidade: “*é a apresentação de uma realidade querida inteiramente outra, diferente, autônoma*”³². A segunda especulação é: se a criação é feita de forma a ser separada, não existe o precedente que exija repetição: “*Nenhum peso de anterioridade virá onerar a ação do ser humano*”³³. Terceira: separando-se da criação, promove a diferenciação. Percebemos, então, que o fazer e separar estão intimamente ligados e presentes no ato da criação, tornando-os inseparáveis. Devem ser compreendidos, dessa forma, na dinâmica da alteridade. Podemos, agora, nos apropriar da afirmação de Gesché em relação à liberdade, representar o alicerce da criação e conhecer com propriedade o sentido antropológico dado à liberdade. A diferença, presente na alteridade, foi dada na liberdade do ato da criação, o que significa compreender que toda criação é subsidiada pela liberdade e, necessariamente, pela alteridade, o que nos sugere imaginar toda realidade em movimento, em criação e renovação. “*Assim, colocar a alteridade, a diferença dentro da própria criação é dizer que escolhas são possíveis. É dizer que nem tudo já está pronto.*”³⁴

A título de maior exemplificação, recorreremos à citação que Gesché faz de Rm 8,19: “*A criação espera com impaciência a revelação dos filhos de Deus.*” O ser humano precisa redescobrir-se na sua humanidade, na potencialidade de seu ser, que se encontra inserido nessa dinâmica divina da criação. Deus convoca o Homem a agir, livremente, para realizar sua confirmação humana diante do criador. Deus espera a intervenção do Homem na sua realidade divina. O autor quer nos conduzir a essa revelação cristã, do direito inato, desde sempre dado ao Homem, de falar e defender a existência de Deus a partir da sua própria criação. Essa realidade desvelada possibilitaria ao Homem compreender a realidade na sua condição antropológica, ou seja, reconhecer na criação a fonte da liberdade, de onde ela nasce e se faz, como diz Gesché, o “alicerce” da própria criação. Pois a realidade seria, então, percebida como inseparável do Homem e, necessariamente,

³² GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, p. 65.

³³ Ibid., p. 65.

³⁴ Ibid., p. 65.

dependente do ser humano. Essa realidade, que é dada ao Homem e por ele é criada e recriada, deve ser concebida “*como um lugar de liberdade, como um lugar de criação.*”³⁵

Aqui poderíamos fortalecer a importância do diálogo da teologia com a ciência, como nos sugere o autor. O esforço é defender a presença da teologia como discurso que tem seu lugar na universalidade dos diferentes *logos* presentes na realidade. É reconhecer na teologia que a antropologia, já uma ciência presente, atuante na criação, torna-se porta aberta para esse diálogo, que traz na sua especificidade termos próprios, como criação e revelação. Termos que exigem presença do ser humano, pois não há como revelar se não houver destinatário. Olhando ao redor da realidade, arriscamos afirmar que o tempo atual favorece esse diálogo, pois tem sua centralidade no ser humano, que não cessa suas indagações e desejos por conhecer, integrando, sempre, as novas realidades surgidas na criação. Voltando ao pensamento de Gesché, lembramos que sinaliza, após a lógica da criação, a antro-po-lógica, que possibilita enxergar no ser humano o cerne da criação. Aqui nos dá a perspectiva mais completa sobre a sua compreensão de ser humano. Vimos na compreensão da lógica da criação a possibilidade de aprofundar a liberdade e a alteridade como alicerces da criação, portanto inerentes ao Homem. Agora, na antro-po-lógica, temos a leitura da integração do Homem com o cosmo, a criação. Concebendo-o com estatuto de Homem livre, só podemos compreender esse ser humano, integrado e criador, em relação às diferentes direções: “*ao cosmo, a si mesmo e a Deus.*”³⁶

Essa última abordagem, que totaliza a relação do Homem com a criação, ressaltando a antropologia, nos oferece uma leitura abrangente e mais completa da visão de ser humano que o autor nos oferece como possibilidade de repensar a teologia no diálogo com o mundo atual. Tem como ponto de partida o cosmo nessa relação estabelecida livremente por Deus. Aprende, na relação, a ser livre e, sendo livre, percebe que pode ser ao construir seu universo, ou seja, sua realidade histórica. E então Gesche vai mais longe e articula seu pensamento com a idéia fontal da narrativa bíblica, sobre a tradução do verbo *bará*: “*O princípio da diferenciação é um princípio da liberdade*”³⁷. Foi na perspectiva judaico-cristã

³⁵ GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, p. 69.

³⁶ Ibid., p. 71.

³⁷ Ibid., p. 82.

que o ser humano se viu diante do outro, do Criador, que o fez separado, por isso, na alteridade, também na liberdade criativa, potencialmente capaz de re-unir os elementos criados na realidade que Deus fez existir. Assim podemos resumir a compreensão desses pressupostos que nascem na íntima existência de Deus com o ser humano.

“Ele é criado criador, pois o próprio princípio que preside a sua instauração no ser o quer assim e o coloca aí como em sua própria vocação e definição. Ele é liberdade criadora e inventiva por direito de nascimento e de essência. Por constituição. Por vontade – e é o sentido da palavra Deus aqui pronunciada –, que assim institui e o coloca no mundo.”³⁸

Acreditamos que a perspectiva trabalhada por Gesché nos possibilitou levantar alguns pressupostos fundamentais para o desenvolvimento do trabalho. Até aqui nos limitamos a esse propósito, de elencá-los para desenvolvê-los no capítulo seguinte, reconhecendo que ainda terão cada um, assim como outros, seu espaço próprio na estrutura do texto sobre o ser humano. Sempre na perspectiva de Adolphe Gesché.

Agora, temos como propósito, após destacar a centralidade antropológica como pressuposto fundamental na compreensão da fé teológica, desenvolver essa fé como resultado da realidade apresentada na perspectiva da tradição judaico-cristã. É o que faremos.

1.4

A fé como resultado de uma realidade.

Reconhecemos nos termos criação e revelação a liberdade como ato primeiro da ação criadora de Deus. A tradição judaico-cristã legitima a presença da antropologia como fundamento do ato da criação divina, pois compreende que Deus age como sujeito na criação, ou seja, gerando a existência da liberdade, elemento essencial em qualquer ação realizável. Deus sustentou sua liberdade na criação, em especial na criação do Homem, concedendo-lhe a sua própria liberdade. Também nos concedeu a necessidade da alteridade no exercício da liberdade. A liberdade e a alteridade são pressupostos fundantes da narrativa

³⁸ GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, p. 88.

judaico-cristã da criação. Justificam a condição antropológica da tradição judaico-cristã.

A criação criativa, já desenvolvida por Gesché como movimento dinâmico da criação do mundo na tradição judaico-cristã, é destinada ao ser humano como plano da realização salvífica de Deus para o mundo criado. Assim, podemos entender a liberdade como dom, possibilidade de aceitação ou rejeição de Deus por parte do Homem, pois ele, ao assumir a criatividade da criação, assumiu a dinamicidade da sua história na transformação da realidade vivida. Nessa perspectiva, Gesché fala da realidade criada e transformada, uma realidade que o cristianismo tornou possível na defesa de Deus: a transcendência presente na imanência desfatalizou o Homem em sua história pessoal e cultural. A realidade foi criada na ação primeira de Deus, quando criou o céu e a terra, e recriada na realização histórica de sua presença humana, no evento da Encarnação. A revelação cristã desfatalizou a nossa história e criou condições para a teologia dialogar com os diferentes *logos* legitimados pela ciência da razão, assim como possibilitou ao Homem construir uma identidade cristã, fundamental para a consolidação do diálogo com as ciências. Neste sentido, podemos entender a dimensão da fé como realidade concreta na construção desse diálogo entre as ciências e a própria identidade cristã.

“O ser humano traz em si um mapa do céu, cujas jeiras o Logos-Verbo de Deus mediu: in principio, ‘como agrimensor’. Deus abriu e cobriu esse mapa. E o ser humano aí se reconhece, porque ao propor nele as rotas, seu Deus, ele mesmo, para o provar, as percorreu.”³⁹

A citação nos introduz nessa nova realidade de íntima relação entre o ser humano e Deus, estabelecida no momento de seu nascimento, criação única de Deus para cada ser humano. Uma relação de alteridade que lhe foi dada no ato da criação. Neste ato já se encontra toda possibilidade do Homem reconhecer as rotas de sua direção. Ao se interrogar sobre sua própria vida, buscando confirmar sua existência e seu reconhecimento no mundo, o ser humano possibilitou a revelação da existência de Deus. Na verdade, a realidade passa a ser uma busca pela resposta de um sentido que o ser humano procura dar à sua vida. Essa dimensão se torna cada vez mais perceptível ao Homem quando ele permite vivenciar, com profundidade, sua relação com o outro. Mas não basta. O outro deve despertar a

³⁹ GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, p. 110.

necessidade de um Terceiro, que lhe dê a razão última do sentido de sua vida. Sabemos que ninguém, por mais que ame o outro, não esgota sua razão de vida nesse outro. O ser humano, então, ao se permitir viver intensamente a relação com o outro, estará construindo sua liberdade existencial e, dessa forma, criando condições de se colocar na direção do Transcendente, o Terceiro da relação entre os Homens. A alteridade torna-se, portanto, elemento constitutivo da existência do Homem.⁴⁰

Toda alteridade corre o risco de se perder na redução ao outro, ou seja, quando o outro é visto como espelho do próprio sujeito, ou quando o outro não tem a preocupação em se abrir, fazendo com que a relação seja limitada e fechada nela mesma. Neste caso, o ser humano perde a possibilidade de acesso ao Terceiro, que lhe cria as condições para o crescimento humano. Mas durante sua incessante busca em compreender-se e na formação de sua identidade, o Homem foi além de sua própria imagem: buscou, de forma mais completa, compreender-se em relação ao mais alto de si mesmo. Gesché faz, a partir dessa reflexão, a construção de sua abordagem sobre a identidade do ser humano. É a busca incessante do ser humano em se reconhecer que permitiu que fosse invertida a apologética, inversão esta exigida pela modernidade, a de provar a existência de Deus. Agora, não seria mais preciso reunir provas para Deus, pois o Homem, na busca de compreender seu enigma, de entender-se diante dos desafios, compreendeu que sua identidade necessitaria de confirmações, e, por que não, de falar em provas? Para a construção da identidade precisaria confiar em si e no outro. Uma confiança que nasce da relação com o próximo, que faz brotar a fé, *“a prova de nossa identidade: essa fé em si mesmo, sem a qual nada é possível”*⁴¹ Podemos afirmar legitimamente que a fé em si mesmo e no outro é ponto de partida para a descoberta da existência de Deus na história do Homem. A confiança que se consolida num simples gesto de entrega, acolhimento, de apoio e de confirmação. Aquele que, como diz Gesché, ultrapassa a questão moral, *“que restitui nossa dimensão ontológica e teológica”*⁴², nos oferecendo uma confortável absolvição humana.

⁴⁰ GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, pp. 95-98.

⁴¹ Ibid., p. 95.

⁴² Ibid., p. 96.

A fé é sinalizada como atitude de escuta e de resposta, tornando-se elemento constitutivo do ser humano na medida em que corresponde a um ato de liberdade diante de Deus, passando a compor uma dimensão dentre outras existentes na constituição do ser humano. Gesché aborda, concomitantemente, três elementos para fundamentar a fé como construção do Homem e defesa de sua afirmação no mundo atual: a construção da identidade que o Homem busca encontrar, a proposta de Deus e a resposta do Homem.

Afirmamos, anteriormente, que o próximo deve desencadear a necessidade de um Terceiro, aquele que ultrapassa minha presença visível diante de mim mesmo e do outro. Aquele a quem o Homem dirige um olhar para o mais alto e se indaga. O ser humano foi feito para o diálogo, traz consigo a matriz da alteridade. Recordando o exemplo de Nicodemos (Jo 3, 1-21), lembrado pelo autor, que diante do Senhor procurou compreender sua existência de fé, o ser humano indaga se é ouvido por Deus e cuidado por Ele. O Homem pede confirmação de sua existência. Aqui, Gesché sustenta o convite que Deus faz ao ser humano, de partilhar o seu amor trinitário. Fomos capacitados por Deus para amá-lo e desejá-lo. É simples para o cristão que vive a fé mais explícita compreender que o Homem foi criado para Deus diante da aceitação do batismo, onde é mergulhado na vida de Cristo e convidado a partilhar a divindade com Cristo. Por Ele e com Ele torna-se co-herdeiro de sua divindade, convite concreto de Deus para o Homem. A salvação, portanto, se faz realidade ontológica, ou seja, intrínseca à condição humana. Deus oferece uma destinação para o Homem: o seu infinito amor, o amor divino. A radicalização da sua proposta se deu no evento da Encarnação: *“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós”* (Jo 1,14), confirmada na revelação de Deus o amor visibilizado na pessoa do Filho, *“Ninguém jamais viu Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, foi quem o revelou”* (Jo,1,18). Deus “mapeou” as rotas que propôs ao Homem percorrer e, para confirmá-lo, realizou o caminho em direção a Deus. Ele mesmo, na condição humana, trilhou o caminho que demarcou para os Homens, concretizando sua proposta, feita na criação: partilhar o seu amor pessoalmente conduzindo o ser humano à plenitude da ressurreição.

A tentativa dessa reflexão não é apenas convencer com palavras que o Homem é capaz de Deus, mas indagar se as palavras que convergem, no Evangelho, para afirmar essa capacitação, são verdadeiramente cridas. Não basta

apenas compreendê-las e reconhecê-las como autênticas, como revelação de Deus. É necessário acreditar, crer no Deus que nos fez porque nos deseja, acreditar na sua criação humano-divina. Fez-nos à sua semelhança quando, ao se revelar, abriu-se ao diálogo com o Homem, moldando-nos à sua forma de nos conceber. Isso é algo de muita profundidade e intensidade. Deus deu o primeiro passo provocando o diálogo e configurando-o à sua iniciativa, pois emitiu uma imagem do ser humano ao convidá-lo para essa parceria compartilhada, assim como fazemos ao propor ao próximo uma aproximação, uma convivência mais íntima que pode resultar em uma grande amizade ou mesmo em um projeto comum de vida. A relação vai sendo moldada de acordo com as realizações dos Homens. Isso porque acreditamos e confiamos no outro, porque descobrimos no amor do outro o nosso próprio amor, um amor que se realiza no ato amoroso, na aceitação de si mesmo e do próximo. É esse o convite que Deus nos faz, o de conviver e partilhar o seu projeto de vida criado: o desejo e o amor na realização humana. Nas palavras de Gesché: *“porque sou amado, não tenho mais o direito de não me amar, nem de não mais amar os outros, por mais duro e difícil que isso seja...”*⁴³. Esse é o sentido cristão do amor de Deus. Essa é a sua proposta: a destinação do homem à radicalidade do seu amor. À medida que o amor entre os Homens é descoberto como humanização, o ser humano ascende na direção de sua destinação, sentido último de sua felicidade: Deus.

“Deus proclama que, quem quer que eu seja, ninguém (até mesmo eu) pode me atingir, porque sou à sua imagem e semelhança. Esteja eu vestido com roupa de reis ou com farrapos dos últimos e miseráveis. Talvez esse seja o único verdadeiro tabu da Escritura: ‘A vocês eu entrego tudo...Entretanto...vou pedir contas da vida do seu irmão’ (Gn 9,3.5)”⁴⁴

Nesse momento é necessário precisar a resposta do Homem ao convite de Deus. Sabemos que a modernidade explicitou a possibilidade da rejeição como resposta à proposta de Deus, como diz Gesché *“essa época é, sobretudo, a suspeita que deu forma a esse mal-estar.”*⁴⁵ A dúvida da anulação do ser humano diante de Deus. Seria possível ao Homem reconhecer em Deus sua liberdade? De que maneira, se Deus poderia retirar do Homem sua liberdade de, inclusive, não aceitá-lo como opção de vida? Seria o ser humano, como afirmava a religião, punido pela sua não aceitação. Porém, o autor não se preocupa em desenvolver

⁴³ GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, p. 105.

⁴⁴ Ibid., p. 105.

⁴⁵ Ibid., p. 111.

respostas a essas rejeições. A sua preocupação é sinalizar que, assim como há um movimento de rejeição, há também um de aceitação. Não há porque imaginar um único movimento, muito menos movimentos de exclusão. Essa leitura traria uma contradição à criação do mundo na perspectiva da tradição judaico-cristã, que fundou uma antropologia de destinação, evidenciando elementos próprios dessa ciência, como liberdade e alteridade. Mais. O cristianismo revelou a desfatalização do Homem diante da história. Por isso, não há como conceber um único movimento do ser humano, que recebeu de Deus a liberdade como realidade concreta, de desenvolver sua existência. A liberdade dá as condições de aceitar a rejeição como possibilidade. Isso pertence ao amor de Deus pela sua criação. O Homem, ao consentir a ação de Deus na sua vida, faz da fé uma atitude mobilizadora em defesa de Deus e do Homem, construindo a identidade cristã.⁴⁶

Gesché vai utilizar o termo “visitação” para explorar esse consentimento que o ser humano é capaz de dar à presença reveladora de Deus na sua vida. Aquele movimento que atrai e fascina, provocando no Homem a grandeza de se sentir vivo e pleno diante de Deus.

“E, paradoxalmente, não seriam os crentes que têm uma concepção elevadíssima do ser humano? Da parte deles, então, esse ‘espanto incrédulo’ (o de Tomé), essa ‘suspeita às avessas’ é prova de que o espanto ‘passou pelo fogo’ (cf 1Pd 1,7) e, que desta vez, leva a responder positivamente a Deus. E essa resposta, desde que não tenha querido ignorar a objeção, é uma resposta que eleva o ser humano.”⁴⁷

No desenvolvimento de seu pensamento, o autor indica que é no outro que o ser humano atesta sua existência. É na alteridade que o ser humano encontra a sua identidade confirmada, com a possibilidade de refazê-la constantemente diante das novas relações vivenciadas. O texto citado acima nos confirma que o ser humano precisa do outro nessa auto-descoberta. Uma necessidade movida pelo desejo, pois sem ele o Homem se esvazia e se isola do que lhe é fundamental na sua vida, reconhecer-se como ser humano na relação com o outro, com o mundo e com o Transcendente. O ser humano provavelmente não sobreviveria isolado, é um ser criado para a alteridade. Ao se desvelar diante do outro, o Homem se sente invadido pelo desejo de permanecer no outro. Ou seja, como o autor aborda, o ser humano se sente visitado, *“na qual ele se encontra a si mesmo, não sendo pura ação, mas sendo também recepção, ser ao qual advém alguma coisa: o ser-*

⁴⁶ GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, pp. 113-115.

⁴⁷ Ibid., p. 114.

visitado.⁴⁸ Dessa forma, podemos aludir à tradição cristã como expressão dessa realidade que o Homem necessita. A tradição judaica sinalizou, na narrativa do Gênesis, essa integração do Homem com o seu criador e o cristianismo explicitou, em Jesus Cristo, o convite do Pai ao ser humano para realizar sua participação no projeto de salvação, concretizando a visitação do mistério na realidade histórica do Homem. Esse desejo que mobiliza o ser humano pelo outro, que desencadeia a realização do amor, faz o Homem construir e consolidar sua identidade. O contrário, o seu distanciamento do outro, reduzindo-o a si mesmo, faz desse Homem um ser sem identidade. É na relação com o outro que a confiança é estabelecida como fundante da permanente relação de troca entre os Homens. É nessa relação que o ser humano percebe que a sensação experimentada na relação com o próximo vem de algo maior, que escapa à sua própria imanência, de algo que nos faz sentir desejosos por uma realização maior, de algo que nos atrai para o outro além dele mesmo, que conduz a um infinito alcançável pela finitude que se anuncia infinita de desejos e realizações.⁴⁹

Podemos, agora, compreender melhor o sentido da fé na realidade do Homem. Da confiança humana, nascida entre os Homens ao se relacionarem, nasce a fé em algo além do próprio ser humano. Gesché defende a fé como afirmação da existência do ser humano, a partir dessa realidade da confiança estabelecida entre os Homens. Se entendermos que o Homem recebeu o dom da liberdade como ato originário da sua criação, podemos, como diz o autor, “*falar da fé que Deus tem em nós*”⁵⁰. O Homem, ao receber de Deus, na sua criação, a alteridade como elemento essencial na realização de sua liberdade, recebeu também a confiança de Deus na sua existência humana. Assim como Deus é o primeiro a convidar o ser humano para o diálogo, é também o primeiro a manifestar a fé no Homem. Isso tem, no cristianismo, uma particularidade singular: Deus confia no ser humano independentemente de sua condição pessoal. Isso significa que o Homem é visitado por Deus, que o possibilita descobrir o fascínio das alturas, que o faz romper com suas limitações e medos condicionados pela finitude da história humana. O ser humano é capaz de se libertar de tudo o que lhe aprisiona na sua tentativa de realização. Por isso, podemos defender que o

⁴⁸ GESCHÉ, A., *O Ser Humano*, p. 115.

⁴⁹ Ibid., p. 117 passim.

⁵⁰ Ibid., p. 118.

ser humano foi criado para construir sua liberdade. É na realização de sua existência humana que a liberdade é construída, pois ao responder ao desejo por Deus cria as condições para a ação de Deus na sua vida, o que significa concretizar a fé como atitude livre diante desse Deus revelador da consciência humana.

A fé representa, portanto, um exercício de liberdade do ser humano. Assim como os não crentes defendem, em nome de uma liberdade não cristã, a ausência da resposta, Gesché sustenta sua compreensão de ser humano incluindo a fé como uma das dimensões constitutivas do ser humano. Inclusive, é diante dos que não crêem que pode afirmar a sua crença em Deus. Aqui Gesché se utiliza de uma convicção pessoal sobre sua fé para estender aos leitores a possibilidade de uma reflexão útil a respeito de todos os que afirmam crer em Deus. Dando continuidade às suas avaliações pessoais, levanta outras possibilidades que poderiam se tornar verdadeiras se não fossem de leituras mais superficiais. Destaca o fato de se nascer em ambientes e lares cristãos. Certamente, como afirma, todo ambiente em que o ser humano se encontra torna-se parte de sua condição, afinal o ser humano é um ser de cultura e, como tal, mergulhado em tradições. *“Trata-se das condições de nossa identidade e de nossa liberdade; o homem ser cultural, é um ser que é nascido”*.⁵¹ Mas isso não basta para que o Homem se torne um cristão. A fé tem um significado muito mais profundo. A fé se encontra no exercício da liberdade, o que representa, para a tradição cristã, uma construção do ser humano, com toda a presença da cultura desse Homem. É na realização dos atos da fé que o Homem conforma sua identidade Àquele que se revelou como paradigma de sua fé, Jesus Cristo. É na pessoa de Jesus que Gesché vai afirmar a fé de todo cristão. Nele, o autor vai defender a radicalidade da dimensão da fé para o cristão. Toda a sua abordagem sobre o ser humano desembocará nessa compreensão de fé que o Homem cristão, diante dos outros não cristãos, deverá assumir como identidade de um novo sujeito de fé. Teremos oportunidade de desenvolver essa temática no último capítulo desse trabalho, quando abordaremos a opção da livre adesão pelo Cristo Ressuscitado.

A fé deverá representar na vida do cristão o despertar de um Deus histórico, *“Deus interrogando seu Cristo como homem”*.⁵² Isso nos faz pensar em

⁵¹ GESCHÉ, A., *Deus*, p.118.

⁵² Ibid., p. 127.

toda a condição humana de Jesus. Ou seja, no rosto do outro um encontro humano, de trocas e de construções. A fé, compreendida como processo de crescimento, de desvelamento de Deus, que se apresenta de forma humana diante do Homem. A história possibilita re-descobrir um Deus humano, pois nos faz reconhecer que teve um tempo e um lugar para sua definitiva revelação. Diz Gesché: por isso *“Deus também precisa de tempo e quer oferecer e dar à minha história a dimensão de uma presença que se mede”*⁵³. Nessa perspectiva da revelação histórica de Deus, a fé torna a realidade favorável ao diálogo entre diferentes *logos*, pois desfaz a idéia de um Deus que ocupa um lugar absoluto na vida do fiel. Na verdade, ocupa, mas não de forma desmedida, pois correria o risco da instrumentalização de Deus, reduzindo a relação entre o Homem e Deus à imagem de si próprio, o que permitiria uma relação de posse que não deixa espaço para o crescimento, mas leva à alienação de si mesmo.

Deus nos criou para que, diante d’Ele, pudéssemos responder com nossa humanidade, limitada, mas superável na busca de nossas realizações humanas. Deus é, sim, absoluto, mas diante do Homem cede para que ele possa, em seu tempo, responder à confiança de Deus.

Diante do sentimento de admiração pela presença de Deus, revelada em sua vida, o ser humano se vê na obrigação de confiar em si e no outro como possibilidade de sua própria realização pessoal. Esse movimento revelador de fascínio e confiança vem primeiro da parte de Deus, manifestado desde a criação do Homem na liberdade de aceitá-lo ou negá-lo. Portanto, é Graça de Deus. O segundo movimento vem da parte do Homem, aquele que o conduz em direção ao projeto de Deus. Gesché resume que a realidade da fé é, antes de tudo, um ato de confiança de Deus no Homem para, então, se tornar um ato livre do Homem de consentimento da presença de Deus em sua vida. O ser humano descobre a confiança depositada por Deus na sua pessoa a partir da confiança em si e no outro. Portanto, não seria impróprio afirmar que a resposta a Deus exige confiança em si mesmo de forma evidenciada, para que se transborde em confiança no próximo. A realidade manifestada pela fé é precha de realizações transformadoras. Traz no seu bojo a ação salvífica de Deus, a realização do projeto de salvação do ser humano.⁵⁴

⁵³ Ibid., p. 130.

⁵⁴ Ibid., pp. 119-121.